

TRABALHO E APOSENTADORIA: HISTÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DE VIDAS

Maria Verônica Guedes do Nascimento¹

RESUMO

Este artigo objetiva descrever e discutir sobre os aspectos positivos e negativos da aposentadoria, do aposentar-se a partir da ótica do trabalhador, sobretudo quanto aos aspectos psicológicos e culturais, bem como, perspectivas de futuro dos entrevistados. Para efetivarmos esse trabalho, entrevistamos idosos aposentados que relataram suas experiências, expectativas através de entrevista semiestruturada, e individuais. Ficou evidenciado neste trabalho, a diferença de representações entre os informantes e a experiência da aposentadoria como condição do não-trabalho. Voltar à vida ativa, sentir-se útil, produtivo, é uma alternativa, para muitos, de recuperar uma dimensão do vivido corporal; trabalhar pode ser nesse sentido, um espaço de entretenimento que leva as pessoas envolvidas a comungarem um sentimento de pertença, até de festividade. Porém, a experiência da aposentadoria oferece mais perdas do que ganhos, e a principal perda é o declínio de uma vida e de uma experiência social mais intensa, consequentemente, de um conjunto de práticas de sociabilidades que deixam de existir em sua plenitude.

Palavras-chave: Aposentadoria, Velhice, Trabalho, Idoso, Expectativas.

INTRODUÇÃO

O sonho da aposentadoria talvez seja um dos grandes anseios dos trabalhadores brasileiros. Vivendo em uma cultura que desvaloriza o trabalho, este é pensado como labuta, esforço, renúncia, cansaço e exploração, a possibilidade de deixar de trabalhar parece ser o grande e único caminho da liberdade tão desejada após anos de “batente”. Aliás, não é a toa que comumente pensamos o trabalho como a “ida ao batente”; o antropólogo Roberto DaMatta, já apontou alhures:

A rua é o espaço que permite a mediação pelo trabalho – o famoso “batente”, nome já indicativo de um obstáculo que temos que cruzar, ultrapassar ou tropeçar. Trabalho que no nosso sistema é concebido como castigo. E o nome diz tudo, pois a palavra deriva do latim *tripaliare*, que significa castigar com o *tripaliu*, instrumento que, na Roma Antiga, era um objeto de tortura, consistindo numa espécie de canga usada para suplicar escravos. (...) (DAMATTA, 1989, p.31)

¹ Graduada do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, Especialista em Psicopedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, Especialista em Saúde Mental pelas Faculdades Integradas de Patos – FIP. veronica-guedes@uol.com.br.

Com visão tão negativa e pessimista sobre o trabalho o não trabalho ganha em notoriedade e sentidos positivos; não trabalhar significa ser livre, autônomo, dono da própria vontade e “senhor de seu próprio tempo”. Acredita-se que o não trabalho liberta o homem dos “castigos” impostos pela obrigatoriedade no cumprimento de horários, expedientes, pontos e de toda a rotina estafante e degradante associada ao ato de trabalhar; parece então que trabalhamos, todos os dias, não pensando em produzir sentimentos de prazer e de compensação pelas atividades desenvolvidas, mas contando dias e horas para a tão esperada chegada da aposentadoria.

Por outro lado, aposentar trás outra realidade: a passagem dos anos e a chegada da chamada “terceira idade” ou velhice. Raramente, salvo situações de exceção, o trabalhador brasileiro se aposenta antes dos cinquenta e cinco ou sessenta anos, a média, inclusive, é a partir dos sessenta anos. E talvez o grande “grito de liberdade”, após anos de “labuta”, tenha chegado tarde demais, pois o que fazer com essa liberdade? Com o receber salário de uma aposentadoria que exclui o idoso do mercado de trabalho e tacitamente o informa: “chega, o seu tempo de trabalho acabou, vá viver a sua liberdade”!

Mas que liberdade é essa? O que representa para o trabalhador a aposentadoria? Quais as expectativas e sonhos acalentados por anos de trabalho? E como é viver a experiência de estar aposentado? Essas são algumas das questões que pretendemos responder; no intuito de entender os vários significados do estar aposentado e as consequências psicológicas e culturais advindas de tal experiência.

METODOLOGIA

Para realizar a nossa pesquisa entrevistamos homens e mulheres aposentados, tendo sido nosso método de coleta de dados a realização de entrevistas abertas, semiestruturadas, com a elaboração de um roteiro prévio de questões.

As entrevistas, que duraram em média uma a duas horas, foram gravadas em fita cassete e, logo após a sua realização, foram transcritas, em sua íntegra, pela própria pesquisadora. Após cada transcrição, procedemos há pelo menos duas leituras de cada texto, marcando os principais temas e os discursos mais relevantes para o nosso estudo. Posteriormente, no processo de análise mais aprofundado, foi feito o recorte dos textos, bem

como colagem das entrevistas com os temas que orientaram a construção das categorias que desvelaram posições sociais, valores e sentimentos capazes de expressar o fenômeno da aposentadoria a partir da compreensão e do ponto de vista dos próprios aposentados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

IMAGENS E PRÁTICAS DO MUNDO DO TRABALHO

A história oral foi aplicada pela primeira vez pela antropologia e ganhou relevância em outras áreas das ciências humanas, tais como a psicologia e a história; assim permitiu não só outros espaços para as produções das chamadas ciências humanas, como também permitiu um diálogo mais interdisciplinar com outros campos do saber, tais como a psicologia e a antropologia.

Assim, atualmente a história oral é bastante recorrente como um processo metodológico para a produção do conhecimento psicológico, antropológico, histórico etc. Ela consiste na produção de fontes de pesquisa que fornecerão caminhos para apreendermos a história em suas muitas facetas. Assim como a define Lucília Delgado:

A história oral é um procedimento metodológico que busca pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas introduzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a história e suas múltiplas facetas e dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. (DELGADO, 2006, p. 35)

Os discursos de nossos informantes aposentados torna-se um lugar de descobertas e de percepções diversas a respeito de um tempo vivido e experienciado por quem relata suas vidas, estas envoltas de sensibilidades que submergem junto às lembranças rememoradas de um determinado tempo e espaço. O que é o informante senão alguém que deposita no seu esforço de trazer à tona suas vivências, uma performance que deixa transparecer suas sensibilidades, emoções, bem como sua capacidade e inteligência de reelaborá-las? Tudo isso

expressos na “arte da voz” acompanhada de gestos, músculos, respiração, lembranças... e imaginação.

Nossa intenção é tomar como ponto de partida para nossa viagem no tempo às recordações advindas de informantes que irão buscar num passado recente suas histórias de vida relacionadas às experiências vividas no trabalho e na aposentadoria, para tentarmos entender, através dessas temporalidades, as experiências do vivido e os consequentes problemas psicológicos e culturais.

Com base no exposto, a princípio buscamos reconstituir as memórias de nossos informantes sobre suas experiências no espaço do trabalho; o que representa para eles o trabalho, a época em que trabalharam e tentamos estabelecer ainda uma comparação entre o estar e ser trabalhador e o estar e ser aposentado.

Uma das evidências que salta os olhos quando se pensa a experiência da aposentadoria é a tomada de consciência de uma evidência: a associação da aposentadoria com a velhice. Em outros termos, a aposentadoria aparece como um fenômeno anunciador da velhice. Nesse cenário, o velho torna-se aquele que já não pode responder aos objetivos e anseios do “mundo do trabalho”, portanto, ele passa a ser “estrangeiro” e/ou “estranho” no universo social do sistema produtivo.

Surge, neste contexto, a invenção de termos tais como: inatividade, “ex” trabalhador, idoso, aposentado. Assim, ser e estar alijado do sistema produtivo quase que define inteiramente o “ser velho”, criando barreiras impeditivas de participação do idoso noutras dimensões da vida social.

Nessa perspectiva, a aposentadoria passa a ser sintoma social de envelhecimento, especialmente na contemporaneidade e nos centros urbanos. O indivíduo ao se tornar velho perde o poder, não só porque seu organismo está declinando biologicamente, mas porque é decretada assim pela cultura que valoriza a juventude, a força física e psicológica do corpo jovem, que significa saúde, robustez, beleza.

Muito se diz, segundo o adágio popular que “o trabalho dignifica o homem” e que uma “mente ocupada é uma mente sã”; sem dúvida essas criações do “saber popular” carregam consigo uma forte verdade: a de que realmente dividimos o nosso tempo e espaço entre o “trabalhar” e o “folgar”, entre as horas no “trabalho” e as horas “em casa”. Ficar na

inatividade, deixando para trás esse “tempo do trabalho” pode ser uma experiência bastante difícil para o indivíduo que levou toda uma vida regulada pelas “horas do trabalho”, a sensação de “folga”, de improdutividade em excesso pode levar a um profundo sentimento de inutilidade, passando o indivíduo a sentir-se como alguém que pode plenamente ser descartado, e até mesmo excluído do convívio social.

Parece-nos que o grande paradoxo da aposentadoria são as perdas que ela representa; a sensação, muitas vezes, de vazio e inutilidade que ela aciona na mente do indivíduo provocando, comumente, uma visão saudosista e nostálgica de um tempo que se foi, e junto com ele, à satisfação do sentir-se útil.

Ora, mas a aposentadoria não tem sido nas sociedades modernas e em todo discurso em torno da *terceira idade*, ou da *melhor idade* a grande conquista do trabalhador e de uma vida inteira de “labuta”? A aposentadoria não seria o grande prêmio e a porta que se abre para a tão esperada e desejada liberdade?

Uma parte dos informantes demonstrou uma grande dificuldade em mudar, sobretudo, os hábitos cotidianos, antes tão marcados pelo ritmo do tempo do trabalho; o libertar-se da marcação do tempo pelo “relógio de ponto”, parece ser o grande desafio. Quando indagados sobre as diferenças entre estar aposentado e trabalhar, conseguimos depoimentos tais como:

A aposentadoria decreta funcionalmente a velhice, ainda que o indivíduo não seja velho do ponto de vista biológico (...) é uma forma de produzir a rotatividade de mão-de-obra no trabalho, pela troca de gerações. (SALGADO, 1997, p. 05)

Assim sendo, principalmente o homem idoso, diante da experiência da aposentadoria, não tendo a supremacia do espaço doméstico, ainda visto por muitos em nossa cultura, como um espaço socialmente pertencente às mulheres, marca seus dias de não trabalho pelas lembranças do tempo em que produziam e eram reconhecidos, ou seja, o sentimento de vazio de atividades que pode se instalar frente essa realidade não tem compensação na área doméstica, muito pelo contrário, qualquer atividade que se refira ao espaço da casa é considerado como “espaço de mulher”, jamais “de homem”. (MOTTA, 2006).

Obviamente não é possível generalizar, e embora alguns homens estejam se tornando mais envolvidos com o trabalho doméstico e com a família, há pouca evidência de mudança

social importante nos antigos padrões e papéis masculinos, estando à maioria, despreparados para lidar com o senso de inutilidade que a aposentadoria pode provocar. Assim é plausível a defesa de que uma masculinidade ao “velho estilo” ainda subsiste e sobrevive entre os idosos, o que dificulta ainda mais o cotidiano da aposentadoria dos homens.

Ademais convêm salientar que, na atualidade, a sociedade de consumo valoriza e busca o corpo jovem, que demonstre vitalidade e força, ao mesmo tempo em que esconde as angústias provenientes dessa concepção constituída socialmente. Ao comungar com essa concepção, as pessoas acabam perdendo a noção de velhice entendida enquanto processo, a velhice se apresenta para muitos de forma instantânea; quando se dão conta, estão velhos, daí as inúmeras frustrações e angústias que são geradas por não se aceitarem, e não serem aceitos socialmente, começa então a luta pela ressignificação em seu universo próprio, pela (re)invenção de seu cotidiano, daí porque se criam várias representações sobre o trabalho e a aposentadoria; daí porque para alguns o estar aposentado significa mais ganhos que perdas, e para outros, a aposentadoria é um momento de profunda solidão e perda de uma identidade. (CERTEAU, 1994).

De acordo com Nobeit Elias, em nossa sociedade contemporânea ocidental, as pessoas tendem a fugir da ideia de finitude, tornando-se, portanto, visível à dificuldade que algumas pessoas têm de identificar-se com os velhos e moribundos. Acrescenta o autor que o afastamento da ideia de morte é uma tentativa de fugir da lembrança de nossa própria morte, a morte é empurrada para os bastidores da vida social e os moribundos também. “... a partida começa muito antes... muitas pessoas morrem gradualmente; adoecem, envelhecem... a fragilidade dessas pessoas é muitas vezes suficiente para separar os que envelhecem dos vivos. Sua decadência as isola.” (ELIAS, 2001: 8).

Voltar à vida ativa, sentir-se útil, produtivo, é uma alternativa, para muitos dos entrevistados, de recuperar uma dimensão do vivido corporal; trabalhar pode ser, nesse sentido, um espaço de sociabilidade que leva as pessoas envolvidas a comungarem um sentimento de pertença, até de festividade.

A experiência da aposentadoria parece, até o momento de nossa reflexão, ter oferecido mais perdas do que ganhos aos nossos informantes. A principal perda é o declínio de uma vida e de uma experiência social mais intensa, conseqüentemente, de um conjunto de práticas de sociabilidades que deixam de existir em sua plenitude.

Observamos que a aposentadoria traz para o indivíduo uma experiência de uma nova fase da vida que é o “voltar-se para a casa”, para o espaço do privado. Pois ao velho não é dada a oportunidade real de reinserção no mercado de trabalho ou na vida ativa. A imagem do “vestir o pijama” simboliza e representa muito bem a saída do espaço público, e do início de uma nova etapa que para muitos de nossos informantes é vista como prisão, enclausuramento, mordaça, sentimento de inutilidade, reta final.

O desejo de trabalhar, ou sentir-se ativo, parece ser o grande anseio posto por nossos informantes, e no caminho de desvendar o lugar do trabalho em seu cotidiano, indagamos a eles se gostariam de ter desenvolvido atividades trabalhistas em outra área ou setor diverso do escolhido por eles, e no geral a atividade laboral escolhida, surgiu, para nossa surpresa, meio que ao acaso, sem muita clareza.

O sentimento de inutilidade unido à sensação de um cotidiano repetitivo, por ser pura monotonia, chega a cansar o idoso aposentado. E talvez canse mais do que o próprio “estar trabalhando”, o próprio trabalho estafante, por este ser resultado do sentimento de ser e de estar ativo. A aposentadoria pode ser, para alguns, na verdade, o início de uma prisão e da perda dos desejos.

Ficou patente para nós a diferença de representações sobre o trabalho entre os três informantes que continuaram a desenvolver atividades no espaço público, ou seja, no mundo do trabalho, e os que se recolheram ao espaço privado, ou seja, a experiência da aposentadoria como condição do não trabalho. Aqueles, durante toda a entrevista, demonstraram positividade quanto a sua realidade de aposentados, diferentemente dos demais informantes, cujo discurso é fortemente nostálgico e deprimido.

A grande diferença entre essas duas categorias de aposentados, se é que assim podemos nos expressar, é que a primeira não perdeu o sentimento e a prática de uma vida ativa, mesmo com a aposentadoria, nem se isolou no espaço da casa, como único movimento destinado ao idoso, ao contrário da segunda, que aliou aposentadoria ao não-trabalho, portanto, a uma situação de clausura dentro do espaço privado.

No sentido de provocarmos ainda mais os nossos informantes indagamos e insistimos com eles sobre o desejo de voltar a trabalhar se a eles fosse oferecido um emprego; a maioria dos informantes afirmou que seria simpático a ideia de voltar a trabalhar:

O estar vivo, sentir-se útil, ajudar aos outros, ocuparem o tempo e distrair-se, foram algumas das justificativas encontradas para o intento de voltar ao mundo do trabalho. Nesse sentido, o trabalho é mais do que a ocupação de um determinado cargo em troca de um salário, é uma percepção de vida e de ocupação/controlado do tempo e, sobretudo, de autonomia física e psíquica.

Já para outros informantes a idade e os anos de trabalho impedem o retorno a uma atividade laboral; igualmente as responsabilidades advindas com o trabalho, como o cumprimento de horários, parecem ser, para alguns, elemento impeditivo no desejo de retorno ao mundo do trabalho:

A aposentadoria chega ao cotidiano dos trabalhadores, às vezes de maneira preparada, às vezes de forma abrupta; no sentido de buscar entender as experiências vividas de homens e mulheres trabalhadoras antes e depois da aposentadoria, indagamos de nossos informantes quais eram seus planos de vida antes de se aposentarem e recebemos depoimentos que são atravessados por atividades laborais; a grande finalidade dos planejamentos de vida de nossos informantes se dirigiu para o cumprimento de atividades com vistas a garantir a manutenção, sobretudo, da família. Com tais depoimentos se observa, novamente, a importância do trabalho na vida/cotidiano de nossos informantes.

Baseadas nas narrativas de nossos informantes, um fato foi recorrente: a profunda importância que o trabalho possui na vida dessas pessoas. Os seus significados são múltiplos e não se reduzem apenas a uma relação meramente mercantil de troca de mão-de-obra por salário; o ato de trabalhar é investido de outros significados que fazem parte do campo do prazer, da satisfação pessoal, do desejo de sentir-se útil e com uma identidade socialmente reconhecida.

Na verdade, parece-nos que a sociedade moderna e particularmente, a brasileira, não se preparou culturalmente para acolher as centenas de milhares de homens e mulheres que se aposentam anualmente. Eles são comumente vistos como o refúgio da sociedade, como imprestáveis num mundo que supervaloriza o corpo jovem e a força física, a vida ativa e o trabalho produtivo. O seu lugar comum passa a ser a casa – o espaço privado, exigindo dessas pessoas toda uma reatualização de seus papéis culturais, antes marcados pelo mundo do trabalho – espaço público.

Dentre os nossos informantes entrevistados, exatamente a metade dos dez, ainda não chegou a quatro anos de aposentadoria, os demais, já estão aposentados, em média, há 20 anos. Tal fato nos propiciou a coleta de discursos bem interessantes sobre o ser e o estar aposentado, pois tivemos um bom equilíbrio quanto à temporalidade dos aposentados. No entanto, no geral os discursos sobre o estar aposentados foram bastante parecidos, independentemente do tempo de aposentadoria. Observamos sim, foi um forte processo de frustração sobre o que se espera dessa fase da vida e o que realmente se alcança. Vejamos alguns depoimentos como os abaixo descritos.

A possibilidade de ganhos financeiros auferidos pela aposentadoria é um ideal desejado por todos os idosos. No entanto, infelizmente, nem todos podem desfrutar desse benefício. A título de informação, para se ter uma ideia, o IBGE, ao divulgar os indicadores sociais do ano de 2007, constatou que na “Paraíba existem mais de 400 mil idosos, sendo que 73.440 estão fora da lista de aposentados da Previdência Social, o que corresponde a 18% deste segmento populacional, pois não atendem a pré-requisitos previdenciários.” (Jornal da Paraíba, Caderno Cidades, 27 de setembro de 2008, Campina Grande – PB)

A aposentadoria representa para muitos aposentados a possibilidade de receberem um salário sem trabalhar e a oportunidade de liberdade das regras impostas pelo trabalho. No entanto, apesar da maioria de nossos informantes terem demonstrado satisfação em se aposentar, o que realmente representa o estar aposentado? O que fazem os idosos para ocuparem seu tempo? Como dividem o seu dia em termos de atividade e de lazer?

Pois é notória a observação que mesmo sendo bastante ansiada a aposentadoria, dificilmente algum ser humano suportaria, a não ser em casos excepcionais, passar o dia sem nada fazer.

Para muitos aposentados, falar sobre a experiência da aposentadoria é tema tabu, ou seja, deve ser evitado ao máximo uma vez que significa para o idoso avaliar a própria condição de aposentado. Ao serem indagados sobre se falavam uns com os outros sobre aposentadoria, surpreendeu-nos como o critério valor do salário da aposentadoria é tema corriqueiro entre eles e instrumento motivador para a tomada de decisão ou desistência da aposentadoria, mesmo o indivíduo estando em tempo para se aposentar.

Observamos nos depoimentos de nossos informantes uma contradição muito contundente: o desejo da aposentadoria unida a um forte sentimento de medo quanto às incertezas que essa nova fase da vida pode trazer; o medo mais presente foi exatamente o do aposentado ter uma queda em seu salário ou não ganhar o suficiente para sustentar a sua família. Os depoimentos acima citado corroboram com essa assertiva.

Assim, esse medo acaba sendo altamente prejudicial para a saúde mental do idoso porque ele desemboca na área da tranquilidade e equilíbrio mental. Tal medo se justifica inclusive porque atualmente na sociedade brasileira a cada ano aumenta o número de idosos provedores dos filhos já casados e que constituíram famílias, mas que se encontram desempregados ou responsáveis pelo sustento dos netos.

Clarice Ehlers Peixoto, em seu artigo: “Aposentadoria: retorno ao trabalho e solidariedade familiar” nos oferece importantes informações sobre a problemática atual do aposentado no Brasil; explica a autora:

O sistema de aposentadorias brasileiro é um regime de repartição simples, com prestações bem definidas: as cotizações são divididas entre os assalariados e os empregadores. Considerando que é o Estado quem determina as taxas de reposição salarial ao nível macroeconômico, e que uma das preocupações maiores é a “crise da Previdência Social”, consequência do déficit do sistema previdenciário, o Estado brasileiro controla a revalorização do salário mínimo e, conseqüentemente, das aposentadorias. Além disso, há vários anos que esse sistema não atende mais ao seu objetivo primeiro que determinava que os trabalhadores pudessem dispor, no momento da aposentadoria, de um nível de vida próximo àquele do seu período de atividade. (PEIXOTO, 2004, p.60)

Ao continuar a serem provedores e a destinarem, portanto, boa parte dos recursos da aposentadoria com a família e parentes próximos, onde fica o lazer, a liberdade e o “aproveitar a vida” do idoso? Como acreditar que ele realmente mudou à sua qualidade de vida, se continua a acumular problemas semelhantes de busca pela sobrevivência de quando estava na ativa?

Ganhar a liberdade pode ser a grande emoção, alívio e conquista da vida, pode ser a oportunidade, para finalmente, se fazer o que se deseja e realizar plenamente esse desejo. No

entanto, para outros o “ganhar”, pode estar associado não à realização de um desejo, mas a aquisição de bens financeiros.

Realmente não é a toa que se diz que o homem é um ser sociável, e que jamais sobreviveria sozinho. Essa máxima é bastante verdadeira. O lugar que os amigos ocupam na vida do indivíduo é absolutamente imprescindível. E estar ou se ver sem amigos é o mesmo que perder algo muito importante. A grande maioria dos idosos infelizmente acaba se isolando dos amigos quando se aposentam o adágio popular “vestir o pijama” literalmente condena a maioria dos idosos ao enclausuramento dentro de suas próprias casas, e os amigos, que antes eram companheiros de trabalho, se veem dispersos, porque trabalho não existe mais. Tal experiência é muito doída, muito triste para quem só queria, como qualquer outro indivíduo, ter amigos.

Obviamente não podemos desconsiderar a existência e crescimento dos clubes da terceira idade espalhados no Brasil e na cidade de Campina Grande, cujo objetivo principal é a promoção do processo de ressocialização do idoso à sociedade, no entanto e entretantes, é notória ainda a ínfima participação dos idosos nessas agremiações; poucos tem recursos financeiros para garantirem as despesas que tal participação exige, então o “vestir o pijama” e o valer-se da companhia apenas dos familiares, ainda é uma constante entre os idosos em nosso país, de maneira geral e entre nossos informantes, de maneira particular.

Uma das evidências presentes no cotidiano dos aposentados é o de serem mantenedores da família. É comum o salário de o aposentado ajudar, além do próprio sustento de seu grupo familiar; os netos, filhos desempregados, noras etc. E tal fato, provoca um forte abalo nas finanças dos idosos que com a própria chegada da velhice, vê também chegar à doença e a rotina de médicos, hospitais e remédios.

O que pudemos observar a partir das falas de nossos depoentes é que a aposentadoria não é bem o momento de descanso e tranquilidade para o idoso; pois mesmo não trabalhando, as preocupações em torno da manutenção da família, nuclear e extensa continuam, a ponto de não restar nada ou quase nada para o lazer, o entretenimento, os passeios e visitas oferecidas pelos clubes da melhor idade.

Indagar das pessoas se estas se sentem realizadas é uma questão bastante contundente; quantas vezes já perguntamos a nós mesmos se somos realmente felizes, se nossos sonhos,

desejos, projetos de vida se concretizaram. Imagine o impacto que uma questão dessa não tem na mente de um idoso, que sabe do sentimento de finitude que o acompanha, que sente a urgência em transformar, redefinir, rever sua vida, ações, projetos enquanto ainda há tempo, já que a morte se avizinha.

Sentir-se ou não realizado, aproveitar ou não a aposentadoria naturalmente é uma questão de ponto de vista e necessita ser relativizado, pois na vida não há apenas um ponto de vista, mas vários, não há apenas um modelo, mas diversos. E a saúde mental inclusive, tem como condição não à satisfação de determinado ponto de vista, mas como esta satisfação promove o equilíbrio bio-psíquico do indivíduo.

Viver a experiência da aposentadoria acaba sendo um momento especial na vida do idoso, por vários motivos, primeiro, porque ela é uma fase bastante idealizada na mente do trabalhador; como vimos alhures, a aposentadoria aparece como a grande oportunidade de liberdade de anos de trabalho e o momento em que finalmente, pode-se gozar a vida com toda regalia e fartura, de tempo, de dinheiro, de lazer, de felicidade... a realidade está bem distante desse modelo idealizado pela cultura.

Mas tal modelo ordenador acaba por criar “tipos ou jeitos ideais” de se viver à aposentadoria, modelos a serem seguidos como padrões corretos a serem buscados. Então ficamos pensando como deve ser frustrante ao idoso, de baixo poder aquisitivo, não poder participar de grupos de terceira idade e suas viagens e programações diversificadas, por falta de condições financeiras; como deve ser frustrante chegar às férias dos filhos, netos e não poder viajar para visitá-los por falta de recursos; situações como estas, tão comuns no cotidiano do aposentado, vão criando uma série de distúrbios psicológicos que o levam a frustrar-se profundamente com a sua realidade de vida, gerando um estado latente ou corriqueiro de depressão e outras doenças psicossomáticas.

Admirar a esposa que não se acomodou a vida sedentária de ser aposentado, quem participa de grupos de terceira idade, quem faz o que quer, como o aposentado que passa o dia tocando sax, quem comprou uma terrinha e continua a ocupar o seu tempo e quem é um casal unido, são exemplos que refletem estados de produções desejanter desses informantes e que surgem como uma vontade de serem e terem tudo isso, mas se veem compelidos à realização desses sonhos.

Certamente entre estes informantes o sentimento de castração, frustração é bastante presente, pois ao não poderem realizar sonhos, projetos de vida, se veem como alguém destituído de direitos, excluídos do acesso à plena realização de seus sonhos.

A espera pela chegada da aposentadoria é momento de muita expectativa para o trabalhador; adquirir o estatuto de ex-trabalhador é motivo de muita alegria. No entanto, como estamos observando ao longo dessa monografia, baseadas nos dados de nossos informantes, há certo sentimento de frustração com tão esperada fase da vida. No sentido de buscarmos descobrir as raízes dessa frustração, perguntamos a nossos informantes o que eles gostariam que a aposentadoria lhes permitisse realizar e com o que eles sonham; coletamos os depoimentos que demonstram um sentimento de muita tristeza e falta de perspectivas para com o futuro; ou seja, uma total ausência de sonhos, e como viver sem sonhar? O que se espera é o fim.

Por ora o que conseguimos detectar é a existência de toda uma idealização em torno da aposentadoria e a sua real condição. Ao que tudo indica, raros são os casos em que o trabalhador se prepara para viver essa nova fase da vida; ela chega abruptamente e o idoso, por sua vez, cria toda uma expectativa em torno da liberdade promovida por essa nova situação e, sem querer, torna-se prisioneiro dentro de sua própria casa, porque seus passos não o conduzem mais ao destino do trabalho; mas a caminhos indefinidos e incertos. Sem referentes e sem objetivos, sem metas a cumprir, se fortalecem os sentimentos de inutilidade, frustração, melancolia e solidão.

É importante destacar que a cultura brasileira não destina ao idoso, seja ele aposentado ou não, um lugar, um espaço de identificação. Sem referente, o sentimento de perda supera qualquer outro sentimento e sem pertencimentos, o idoso se entrega ao próprio ostracismo criado para ele.

O ser e o estar aposentado deveria ser, segundo os discursos de nossos informantes, uma fase da vida na qual ao agora ex-trabalhador fosse dada às condições para viver em toda sua plenitude, os resultados de uma vida de trabalho: poder viajar, conhecer lugares, descansar bastante, perceber um salário que garanta a manutenção do idoso e de seus parentes; enfim, uma situação tal que permita ao idoso viver a sua completa autonomia.

No mundo “real” as coisas não são bem assim; o aposentado pode até sonhar com tudo isso, mas dificilmente vai poder realizar tais planos, por uma série de dificuldades que vão desde questões econômicas a questões de falta de apoio e, sobretudo, de respeito, de uma cultura que ainda não resolveu totalmente pensar no idoso como tendo um lugar que deve ser garantido e preservado como um direito legítimo.

PRÁTICAS DE SOCIABILIDADES E O “LUGAR” DO APOSENTADO NA SOCIEDADE CAMPINENSE

Se a aposentadoria é o não trabalho e se o não trabalho significa folgar, lazer e entretenimento, como o aposentado em Campina Grande se diverte? Quais são as suas práticas de sociabilidades? Estas são algumas das questões que pretendemos responder neste capítulo.

Na busca de detectar as formas de ocupação do tempo dos nossos informantes aposentados e de igualmente descobrir as suas formas de entretenimento, indagamos deles se gostam de assistir televisão, se ouvem rádio, se leem jornais e/ou se conversam com os amigos com regularidade. As respostas obtidas se dirigiram a privilegiar a conversa entre parentes e amigos como a forma principal de entretenimento, assistir televisão vem em seguida, ouvir rádio foi opção de poucos e ler, só informante destacou tal hábito;

Assistir televisão foi citado pela grande maioria dos informantes como uma forma de ocupação de seu tempo; e tal constatação, só vem a reforçar o que já é notório nas sociedades modernas em geral e em nossa sociedade, em particular: o forte apelo a mediatização da

cultura. Vivemos na chamada era informacional e tecnológica, a interação face a face ², ou seja, a conversa entre pessoas, cada vez entra mais em declínio, vivemos sob o império das interações virtuais, das salas de bate-papo virtuais, *chats*, ³ do mundo virtual. Nesse ambiente do ciberespaço a grande maioria dos idosos se sente totalmente deslocados e assim resta pouco espaço para o diálogo com a criança, o jovem ou até mesmo com o adulto, ou seja, com os bisnetos, netos ou filhos, pois estes estão ocupados no trabalho ou no ciberespaço; se não for entre seus pares, o idoso quase não tem mais com quem dialogar.

Um fenômeno próprio da sociedade atual é o encontro de pessoas idosas em grupos organizados, de variadas propostas, desenvolvendo uma sociabilidade marcadamente intrageracional. É conhecido que, tradicionalmente, paralelo a uma clara marginalização social dos mais velhos depois da aposentadoria e/ou dos filhos (e sobrinhos..) criados, alguns idosos sempre buscaram formas de encontro geracional ou de atividade extrafamiliar – principalmente homens em conversas nas praças públicas e mulheres em “trabalhos” ou apoios a rituais da Igreja Católica. Mas uma minoria. O desenvolvimento de uma sociabilidade extrafamiliar sistemática, em grupos organizados, é, realmente, uma tendência recente, e crescente. (MOTTA, 2004, p. 109)

O estado de isolamento, enclausuramento e reprodução da vida privada, em oposição à vida pública e a ocupação desse espaço, parece ser a realidade de todos os nossos informantes.

². Autores como John B. Thompson (2002) nos aponta, pelo menos, três tipos de interação social, quais sejam: *a interação face a face*, *a interação mediada* e *a quase interação mediada*. *A interação face a face*, como o próprio termo sugere, acontece em um contexto de co-presença, “os participantes estão imediatamente presentes e partilham um mesmo sistema referencial de espaço e de tempo” (THOMPSON, 2002, p.78). Uma outra característica da *interação face a face* é o seu caráter dialógico, ou seja, ela permite uma ida e uma volta no fluxo de informação e comunicação. Já a *interação mediada* implica “o uso de um meio técnico (papel, fios elétricos, ondas eletromagnéticas, etc) que possibilita a transmissão de informação e conteúdo simbólico para indivíduos situados remotamente no espaço, no tempo, ou em ambos” (THOMPSON, 2002, p.78). Como exemplo da interação mediada pode citar as cartas e as conversas telefônicas. Por último, a *quase interação mediada* se refere “às relações sociais estabelecidas pelos meios de comunicação de massa (livros, jornais, rádio, televisão, etc).” (THOMPSON, 2002, p.79).

³. “*Chat* – Termo inglês que significa bate-papo, conversa, conversar; é utilizado para designar serviços onde usuários de redes de computador podem trocar mensagens em tempo real na forma de conversa escrita na tela. A maioria das redes de computadores permite a realização de ‘conversas’ entre seus usuários. Na Internet, a ferramenta mais comum de *chat* é o conhecido IRC (*Internet Relay Chat* – bate-papo através da Internet).” (DIZARD JR., 2000, p.284).

A aposentadoria trás consigo, paradoxalmente, uma situação de isolamento e uma sensação de solidão bastante impactante no cotidiano do aposentado. Não bastasse ficar sem emprego, perdem-se também os amigos, que já eram poucos, agora se reduz a quase nada e quando muito, a encontros fugazes e altamente intermitentes.

Esse estado de isolamento faz com que o aposentado se feche cada vez mais dentro de si mesmo; que se isole, e se negue a sair e ocupar o espaço público.

Arriscamos em afirmar que o aposentado, em sua grande maioria, se torna prisioneiro dentro de sua própria casa, quando muito, se tiver, ele tem ao cônjuge para dividir as suas alegrias e desejos; tristezas e angústias. Na maioria das vezes encontra-se na mão de cuidadores cujo nível de paciência para escuta, também é bastante limitado.

Numa sociedade que valoriza cada vez mais a imagem, em detrimento do discurso, o idoso não encontra espaço para falar e para se fazer ouvir, recolhe-se ao silêncio e se esquece que para existir relação e laços de sociabilidade, é preciso, pelo menos, duas pessoas.

ASPECTOS PSICOLÓGICOS E SAÚDE MENTAL DOS APOSENTADOS

Todo processo de mudança exige um tempo de acomodação, realinhamento, redefinição; toda mudança necessita de uma reflexão sobre o antes e o depois, sobre o “daqui pra frente”, sobre o “que fazer” a partir de então.

Certamente com o aposentado não foi diferente. Este se viu na obrigação de também ter que readaptar sua vida, seu tempo, seu espaço, em uma nova situação, aqui grosseiramente intitulada de pós-trabalho.

Ficamos a imaginar o grau de conflito e de *stress* que essa fase da vida carrega na mente do aposentado. Quais as suas expectativas e medos dessa nova, curiosa, tão esperada e tão pouco respeitada, fase da vida.

A aposentadoria por tempo de serviço, inexoravelmente, vem junto com a chegada da velhice, e o ser e estar velho, é outra situação extremamente conflituosa para o idoso. Como lidar ao mesmo tempo com a chegada da velhice e com a aposentadoria? Essas são questões cruciais para o idoso.

Ao indagarmos de nossos informantes se a experiência de sua aposentadoria tem sido como eles idealizaram, ainda quando estavam na ativa, a grande maioria dos entrevistados associaram a ideia de estar aposentado ao recebimento de um salário justo, e todos reclamaram que tiveram uma redução em seus vencimentos. A preocupação emergente não parece ser o que podem fazer com a sua aposentadoria em termos de lazer, entretenimento, realizações pessoais; mas quanto vai ganhar de salário de aposentadoria com vistas a terem as condições para suprir as suas necessidades e de sua família.

Ao iniciarmos toda uma busca pela memória de nossos informantes sobre as suas experiências vividas, solicitamos igualmente que eles relatassem um pouco de sua história de vida. E eles partiram de diversificados pontos de partida e se utilizaram de diferentes perspectivas para nos narrar suas memórias, belas e impactantes.

As memórias de nossos informantes sobre suas vidas se encontram entrecortadas por uma série de experiências vividas principalmente com a família, pai, mãe e, posteriormente, cônjuge, filhos etc. A vida é marcada por experiências familiares e de criação e sustento da família. A vida é marcada também pelo trabalho, pela labuta do dia-a-dia em busca do sustento dessa mesma família. Não ouvimos relatos de aventuras, desbravamentos, rupturas, irreverências ou de algo que fugisse ao “politicamente correto”, o que ouvimos foram relatos de uma vida que segue um padrão social muito bem cristalizado pelo cumprimento de responsabilidades e provimentos de necessidades do indivíduo e dos seus.

É como se na vida não existisse espaço para o interdito, as rupturas, os espaços de fuga, pois tudo está muito bem pré-definido e deve ser seguido como um manual. Ao observarmos discursos tão “politicamente corretos” provocamos o nosso informante com uma questão mis contundente: com o que você sonha, ou o que gostaria de realizar e ainda não realizou? E ai sim, a partir de então, os espaços de fuga, de deslocamento apareceram para dar lugar às cristalizações sociais.

Nem todos os nossos informantes se mostraram desejosos por realizar ainda algum projeto de vida. Alguns chegaram a se dizerem satisfeitos com suas vidas e com suas conquistas.

E hoje? Quais seriam os planos de vida de nossos informantes? Pensamos e indagamos em longo prazo, numa previsão de futuro, e quanto ao presente? Como se configuram os planos, projetos e sonhos de vida?

Sonhos de oferecer a família uma maior autonomia econômica.

A aposentadoria, inclusive, é pensada como um aspecto altamente positivo na melhoria das condições de sua vida, e o sentimento do “dever cumprido” ajuda na construção de uma perspectiva otimizadora para o presente em detrimento do passado.

No geral, a saúde mental de nossos informantes idosos e aposentados vai bem. Poucos foram os discursos que levassem a detecção de transtornos quanto à convivência social, familiar ou individual. A grande maioria nos parecera cômicos de sua realidade e demonstraram pleno domínio dela. Uns com mais autonomia e positividade, outros, com menos e mais negatividade, no entanto, tais diferenças podem perfeitamente ser justificadas do ponto de vista das experiências e histórias de vida de cada um e não do ponto de vista patológico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Descobrimos com esse artigo quão gratificante é a descoberta do “outro”: que o grande e verdadeiro temor de nossos aposentados entrevistados é o sentimento de inutilidade, o medo de se sentirem excluídos da sociedade e passarem a serem vistos como fardo, peso, pessoa indesejável. Assim não é o retorno ao trabalho em si que eles desejam, mas o desejo de não se sentirem inativos.

Como o sentimento de inutilidade está associado ao não trabalho, (a saída da vida ativa), os aposentados vivem esse dilema psíquico: querem viver a sua aposentadoria, mas o medo ronda as suas vidas, assim, eles poderiam viver de maneira mais alegre e tranqüila a experiência e momento da aposentadoria se não fossem vítimas de uma cultura que supervaloriza o trabalho enquanto legitimidade de uma existência, ao mesmo tempo em que, paradoxalmente, desvaloriza esse mesmo trabalho, a ele atribuindo o sentido de labuta. Observamos que o ser e estar aposentado não só é resultado de uma escolha racional e decidida entre nossos informantes, como serve para garantir um grau bastante interessante de

autonomia a esses idosos, além de servir como atenuante às mazelas que chegam junto com a velhice, ou terceira idade, tais como: a doença, a inatividade, o abandono, a solidão.

A aposentadoria surge na vida do idoso como um espaço de reafirmação de seu lugar na sociedade, ou seja, o fato de receber um salário e poder suprir, nem que seja minimamente, o seu sustento, faz com que este se mantenha integrado ao seu meio social e a sua família. Assim se tornam minimizadas as experiências trazidas com o processo de envelhecimento.

Quanto aos aspectos psicológicos dos nossos idosos pesquisados, observamos que o sentimento de finitude trazido pelo estar e ser idoso gera um sentimento de medo e temor quanto ao “por vir”, por isso foi detectado um forte sentimento de vida no presente, no “aqui e agora” e uma contundente construção de indeterminação quanto a projetos futuros, barrados e/ou bloqueados pelo sentimento do “fim”.

Concluindo, podemos afirmar que a experiência da aposentadoria pode ser pensada como uma experiência positiva na vida de nossos informantes, pois eles souberam ressignificar esse momento de suas vidas muito mais tirando proveito dessa fase, realizando projetos tais como passear, adquirir bens de consumo, voltar a vida ativa montando pequenos negócios, ajudando parentes etc, do que assumindo o discurso e a prática do “vestir pijama” acomodando-se a uma situação de que nada mais seria possível realizar, pois tudo teria chegado ao fim. Nossos informantes ao ressignificarem suas práticas, nos incita a também repensar o papel da aposentadoria na vida do idoso e na própria sociedade.

REFERÊNCIAS

- CERTEAU, Michel de. **A Invenção de Cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis – RJ, Vozes, 1994.
- DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** 3ª edição, Rio de Janeiro, Rocco, 1989.
- DELGADO, Lucilia. **História Oral** – memória, tempo, identidade. Belo Horizonte, Autêntica, 2006.
- ELIAS, Nobert. **A Solidão dos Moribundos – seguido de envelhecer e morrer**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2001.
- MOTTA, Alda Britto da. Envelhecimento e sentimento do corpo. In: MINAYO, M. C. de S.; COIMBRA Jr, C.E.A. (org.) **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro, FIOCRUZ, 2002, cap. 2, p.37-50.
- SALGADO, Marcelo Antônio. **Aposentadoria e Ética Social**. Revista da 3ª Idade, São Paulo, v. 2., n. 2, p. 4-8, 1997.
- THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**; uma teoria social da mídia. Petrópolis, RJ:Vozes, 2002.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. Aposentadoria: retorno ao trabalho e solidariedade familiar. In: PEIXOTO, C. E. (Org.). **Família e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 57-84.